




Revista

VIDERE

Ver, olhar, considerar.



Mais que vencedores: as dinâmicas socioeconômicas nas/das igrejas neopentecostais 

We are more than conquerors: socioeconomic dynamics in the neo-pentecostal churches

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa 

Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura (MACKENZIE)

Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE)

São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: joebarduzzi@yahoo.com.br

Resumo: O crescimento das igrejas neopentecostais não se deve apenas a uma intensa máquina de propaganda e sim devido as relações socioeconômicas que ocorrem dentro das próprias comunidades que trazem efeito àquilo que os fiéis querem ouvir. Analisando durante anos essas dinâmicas através de uma participação observante aliado a uma análise bibliográfica esse artigo tem a intenção de mostrar como funciona a dinâmica dessas relações para contribuir com o estudo dentro das ciências sociais e das religiões de como tais igrejas crescem.

Palavras-chave: Antropologia. Sociologia da religião. Neopentecostalismo.

Abstract: The growth of neopentecostal churches not only due to an intense media machine but because of the socio-economic relations that occur within the communities that bring effect to what the faithful want to hear. Looking for years these dynamics through an observant participation combined with an book analysis this article intends to show how the dynamics of these relations to contribute to the study within the social sciences and religions with such churches grow.

Keywords: Anthropology. Sociology of religion. Neo-pentecostalism.

Data de recebimento: 21/02/2020

Data de aprovação: 18/06/2020

Introdução

Este artigo pretende mostrar como funciona a dinâmica das relações socioeconômicas dentro das igrejas neopentecostais que levam a certo crescimento econômico dos fiéis. A crítica é que estes fiéis atribuem a intervenção divina este relativo crescimento em sua cosmovisão. No entanto este crescimento, bem menor do que apregoado pelas agências evangélicas se deve mais pelas relações sociais internas da instituição. Este estudo justifica-se pelo objeto em si para as ciências sociais: a religiosidade neopentecostal em suas manifestações socioeconômicas. O método é uma análise bibliográfica com certos recortes de uma participação observante.



Devido às dinâmicas sociais bem como o mundo em constante mudança, a globalização, o novo cenário brasileiro e mundial, assim como todo segmento social, os pentecostais também mudaram muito nos últimos anos. Estamos em época de mudanças sociais bem como de crises, e sendo um dos principais segmentos da sociedade, a religião também passa por mudanças.

1 Um pouco de história do pentecostalismo

Tradicionalmente classifica-se o pentecostalismo Brasileiro em três grandes fases (ou ondas). O pentecostalismo no Brasil tem sido classificado utilizando as ideias de Paul Freston (1993), e se têm usado a periodização das três ondas. É uma classificação conforme a historicidade e surgimento das igrejas pentecostais. A primeira onda pentecostal registra a fundação e o surgimento da Congregação Cristã do Brasil e das Assembleias de Deus, nos moldes do pentecostalismo norte-americano¹ e sueco² de onde provinham os fundadores. A chamada segunda onda pentecostal teve origem na década de 1950, dava ênfase na glossolalia³, na cura divina e nos milagres.

Na Década de 70, uma terceira onda pentecostal, que usa grande espaço na mídia e suas ideias diferenciadas, com uma série de modificações da teologia pentecostal, deu início a formas de pentecostalismo conhecido com o nome de pentecostalismo brasileiro ou neopentecostalismo. A Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Cristo Vive (1986), dentre outras, são expressões afirmadas do pentecostalismo brasileiro.

Cada uma focaliza seu discurso social e teológico em bases principais que podem até se misturar com as outras. Todas podem pregar, por exemplo, a cura, ou a prosperidade, mas cada uma enfoca algo que são diretrizes básicas da maioria das pregações em seus templos. A primeira onda (pentecostalismo) enfoca o batismo com o Espírito Santo e a glossolalia e a salvação da Alma. A da segunda onda⁴ de (Deuteropentecostalismo) enfoca a cura divina e estimula cultos com excessiva demonstração de Glossolalia. A da terceira (neopentecostalismo) exalta o exorcismo e mensagem da prosperidade (MARIANO, 2004).

Em que pese à popularidade alcançada, ou a grande colocação na mídia, as igrejas neopentecostais não são nem de longe o maior representante do pentecostalismo no Brasil, perto das Assembleias de Deus (AD). Segundos dados do IBGE, as maiores representações somadas do neopentecostalismo não se aproximam das ADs que na menor das contagens chega a quinze milhões de membros. Segundo o IBGE a IURD tem 1.873.000 (um milhão oitocentos e setenta três mil membros). IMPD tem 315.000 (trezentos e quinze mil membros) (IBGE, 2010), outras somadas chegam a 400.000 tais como o Ministério Mudança de

¹ Provem de um puritanismo típico dos povoadores da América do norte, a marca dessas igrejas é o rígido controle moral e afastamento de meios modernos. Exemplos dessas são poucas, que propõe - ser os Quakers, puritanos e algumas seitas anabatistas.

² As marcas do pentecostalismo sueco é a vontade missionária de fazer prosélitos, ao contrário dos norte-americanos mais focados nas relações familiares, pentecostalismo sueco tiveram origem o pietismo, defendendo a primazia do sentimento e do misticismo na experiência religiosa, em detrimento da teologia racionalista e o "apego aos valores da modéstia e intimidade"

³ Capacidade de falar em línguas estranhas, ou seja, línguas que não seriam nenhuma língua terrena, a crença popular é que seria a língua dos anjos.

⁴ nessa classificação de ondas de Paul Frenston, a segunda onda vem dos EUA, com o pastoreado feminino com nova roupagem e ousadas em ocupar espaços para as atividades evangelísticas que antes eram considerados "mundanos", como estádios de futebol, teatros e outros, com essas mudanças ampliaram a ação evangelizadora.

Vida, Renascer em Cristo, da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, e do Ministério Internacional da Restauração.

Segundo o Dicionário do Movimento Pentecostal, o verbete Pentecostal se refere a quem tem uma experiência de batismo no Espírito Santo, é o adepto que crê na possibilidade de receber a mesma experiência que os apóstolos receberam no dia de Pentecostes (ARAUJO, 2007) e que está descrita no livro da Bíblia Atos dos Apóstolos 2.1-13 (BÍBLIA, 1995). Tal batismo se manifesta na forma de Glossolalia, êxtase religioso, e supõe em existir poderes de cura, de profecia ou revelação, dom de palavra de Sabedoria e de conhecimento, dom da Fé, Dom de Operação de Milagres, Dom de Discernimento de Espíritos, Dom de Interpretação e de variedade de Línguas (acreditam ser a manifestação de Glossolalia recorrente nesses cultos) e outros, que seriam os dons dados pelo Espírito Santo descritos na primeira epístola aos Coríntios 12:7-10 da Bíblia Sagrada⁵. Isso classifica teologicamente um pentecostal e se perguntar a um membro eles responderão mais ou menos isso: - o que é ser pentecostal? - É ter experiência (ou intimidade, ou ligação etc...) com o Espírito Santo⁶.

Porém o pentecostalismo assumiu diversas formas e inúmeras denominações nos últimos anos. A que mais tem ficado em evidência são as neopentecostais, pela massiva inserção nos meios de comunicação desde a década de 1980 (PRANDI, 1999). Em especial as IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), face à sua estratégia de investimento pesado na grande mídia televisiva e de colocar grandes templos em locais vistosos (tais como avenidas e cartões postais) das cidades aonde tem membros. As neopentecostais têm suas práticas pautadas pela teologia da prosperidade, que significa uma troca simbólica de promessas supostamente divinas de que os fiéis tem, em troca de sacrifícios financeiros, o direito-dever de se tornarem ricos e prósperos⁷. Segundo o historiador Wander de Lara Proença:

[...] 'neste modelo de pensamento, todo cristão consagrado tem o direito de 'exigir' de Deus uma vida financeiramente agradável. Ao crente é reservada uma vida próspera, um paraíso que já começa a ser vivido no tempo presente, sendo a ele também delegado o poder de interferir na vontade divina. (PROENÇA, 2006, p. 64)

Segundo a visão teológica ministrada pelos pregadores da teologia da prosperidade, e que alça rápida popularidade, é de que Deus estaria preocupadíssimo em promover o sucesso material dos seus fiéis e que tais bênçãos podem ser alcançadas segundo atitudes de sacrifício financeiro, como Dízimo, Ofertas, propiciatórios especiais, tais como compra de "Fogueiras Santas", compra de "Rosas unguidas", "anéis abençoados", etc..., se aproximando de realidades mágicas ou místicas (CAMPOS, 1999) em uma lógica digna do mercado. O título do presente trabalho trata de um chavão comum entre os fiéis neopentecostais que se referencia ao versículo descrito na epístola de Paulo aos Romanos 8:37, para referenciar que todos os fiéis seriam mais que vencedores. Esta aplicação da perícopa (passagem da Bíblia utilizada para leitura durante culto ou sermão) nada tem haver com vitória financeira, seria numa interpretação mais teológica as vitórias

⁵ Usamos para a nossa análise a Bíblia de Estudo Pentecostal. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro - RJ: CPAD-1995

⁶ Resposta baseada em anos de pesquisa em história oral com o grupo.

⁷ Uma análise aprofundada de seu discurso revela em sub tom, de que as pessoas que forem fiéis em dar dízimos e ofertas terão não só o direito, mas o dever de serem prósperas (entenda-se ricas) e que em caso contrário deve existir algum pecado ou demônio atrapalhando a prosperidade dessa pessoa. (CAMPOS, 1996b).

sobre o mal, mas já serve para aplicar a cosmovisão de mundo neopentecostal de que todas as ações divinas estariam ligadas as bênçãos financeiras do fiel.

A identidade do neopentecostal, mais do que qualquer uma dada por outras instituições é uma forma de aceitação a favor das forças assimilacionistas pautadas pela mercadoria e pelo desejo. Negando o protestantismo tradicional que pregava um relativo ascetismo, o neopentecostalismo aceita o consumismo, mergulha totalmente nos luxos e consumos que caracterizam seu discurso, desejo e identidade. Pode se com certeza afirmar que nas agências evangélicas de teologia da prosperidade, encontram-se pessoas cada vez mais encantadas com o fetiche mercadológico justificando através de uma lenta e gradual inserção da teologia da prosperidade.

A construção da identidade, sobretudo da religiosa, não mais encontra padrões uniformes em meio à contemporaneidade marcada pela falência das metanarrativas. Cada sujeito dará sentido à sua identidade conforme o sentimento de pertencimento que mantém, porém, essa relação fica complexa em meio a uma instituição que prega valores comportamentais mais ou menos padronizados. Vale também concordar com Cabral e Lourenço (1993, p. 162), observaram que “Perante situações muito semelhantes, as opções identitárias de cada pessoa podem ser radicalmente diferentes”. Para esses autores, isto ocorre porque as pessoas optam por “[...] posicionamentos distintos por razões que só o seu passado pessoal e psicológico poderá determinar” (idem). Sendo os neopentecostais uma manifestação particularmente brasileira, um território de grande afluxo cultural, e que assumiu ao longo de sua história valores norte-americanos dentre outros institucionais há diversos posicionamentos distintos.

O neopentecostalismo segundo Freston (1993) é a terceira onda de pentecostais. São exemplos: Igreja Universal do Reino de Deus (1977), – que é a mais estudada, a Internacional da Graça (1980), a Igreja Mundial do poder de Deus (1982) e Cristo Vive (1986). Estas três, ao lado de Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994) são as referências principais. Sua característica principal, que a diferencia das clássicas, além dos dons de cura, falar em línguas que é tipicamente do pentecostalismo é a ênfase na teologia da prosperidade. Sobre isso nos diz MATOS (2006, p. 87):

Ao lado das manifestações espirituais extraordinárias como glossolalia, curas, profecias e exorcismo, os carismáticos e neopentecostais brasileiros caracterizam-se por uma forte ênfase na “teologia da prosperidade,” outra influência norte-americana, difundida por líderes como Kenneth Hagin e Benny Hinn. Este tem sido um dos principais elementos do maior fenômeno ocorrido no protestantismo brasileiro nas últimas décadas: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Diferente das outros pentecostais, os neopentecostais têm participação ativa na vida política, elegendo candidatos próprios. Já foram registradas coações e pressão intensa para que o fieis votassem exclusivamente em seus candidatos⁸. Uma das formas muito usadas pelos neopentecostais para propagar suas mensagens e

⁸ No jornal o Globo há uma reportagem que bispo da universal pressiona, sob medo do inferno, os fiéis a votarem no candidato que é pastor da universal. A notícia está na íntegra, assim como vídeo na reportagem de MENEZES Maiá & ARAÚJO Vera: Em culto da Universal, pastor pede votos para Crivella. Vídeo mostra que celebração na véspera do primeiro turno virou ato de campanha, Jornal O Globo: 12 de out de 2014, Acesso em 01/10/2016, disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/em-culto-da-universal-pastor-pede-votos-para-crivella-14223709#ixzz4LpjFDO7F>

manter as igrejas com grande frequência é a comunicação em massa. Grande parte de seus investimentos tem sido em mídia, tanto em rádio como em televisão. Quanto a isso nos diz Mariano:

Sua expansão se deve, em grande medida, à eficiência no uso dos meios de comunicação de massas, sobretudo o rádio, veículo no qual sempre fez proselitismo. Nos primórdios, procurava alugar horário nas emissoras logo após o término de programas de pais ou mães-de-santo, para aproveitar a audiência dos cultos afro-brasileiros (MARIANO 1999, p. 66).

Entre os neopentecostais não há ascetismo, ao contrário há hedonismo e uma ética para o consumo e o luxo. Mesmo os mais pobres e explorados, se mantêm nessa ética uma vez que a observação mostra que todos os frequentadores desejam e/ou são convencidos das benesses de ficar ricos, logo há o desejo hedonista do consumo. Segundo a obra de Silva Junior (2012, p. 16), “o bem é a prosperidade, simbolismo da dádiva de Deus a todos quantos cumprem seus mandamentos, enquanto a graça são os benefícios materiais adquiridos que ilustram o vínculo com Deus, e conseqüente sinal de salvação”. Assim se se observar a propaganda a noite, por exemplo, da IURD, enquanto se louva um hino, ao invés de aparecer pessoas ajoelhadas e orando, aparecem pessoas em barcos de luxo, carros luxuosos e caros restaurantes unindo este hedonismo consumista como ideal da benção divina. Note-se que é bem diferente do ascetismo intramundano calvinista mencionado por Weber (2004), que admitia o acúmulo e o investimento, mas não o luxo.

Não é o trabalho que mostra as bênçãos de Deus na ética neopentecostal, e sim a ostentação, quanto mais rico, mais abençoado, para isso quanto mais luxo se mostrar mais abençoado será. É comum a perversão da interpretação bíblica no meio pentecostal de que o Deus mandou o fiel para “Comer o melhor dessa terra”⁹, ocorre que a interpretação do que seja melhor dessa terra, na ótica neopentecostal são os produtos mais, caros, os carros de luxo, iates e belas casas e roupas de marca. É uma religião que atende o consumo capitalista típico da nossa era, onde o aparecer rico importa. Sobre essa cultura capitalista atual afirma Gorender:

A sociedade capitalista se apresenta como sociedade do espetáculo. Importa mais do que tudo a imagem, a aparência, a exibição. A ostentação do consumo vale mais que o próprio consumo. O reino do capital fictício atinge o máximo de amplitude ao exigir que a vida se torne ficção de vida. A alienação do ser toma o lugar do próprio ser. A aparência se impõe por cima da existência. Parecer é mais importante do que ser. (GORENDER, 1999, p. 125- grifo nosso).

Segundo Mariano (1999) a ética neopentecostal rompe com o ascetismo e passa ao que ele chama de “acomodação do mundo”. Mariano faz uma excelente análise do rompimento do ascetismo intramundano e do neopentecostalismo, na verdade escreve um artigo apenas sobre isso, do qual destaca-se um excerto:

O sectarismo e o ascetismo começaram a ceder lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização de importantes segmentos pentecostais. Nos EUA, este processo teve início já nos anos 50 e 60. No Brasil, ele é mais recente, principia nos anos 70 e se aprofunda com o nascimento e crescimento do neopentecostalismo. (MARIANO, 1999, p. 27).

Nem mesmo a moral sexual típica dos crentes é totalmente preservada. Hoje apesar de haver um discurso contra o divórcio, nas igrejas neopentecostais ele é tolerado (ALTIVO, 2015). Basta ver os programas televisivos da igreja universal que é cada vez mais comuns os testemunhos a seguinte fala: - Deus me deu um novo amor -. Já é amplamente criticado nas igrejas tradicionais e noticiado pelos jornais evangélicos neopentecostais (GOSPELPRIME, 2010) a criação de sex-shop gospel e filmes pornô gospel, o que antes

⁹ Perversão já analisada por CAMPOS (1996) de que o que está escrito no livro de Isaias 1:19 “Se quiserdes, e obedecerdes, comereis o melhor desta terra” se refere aos produtos agrícolas bem trabalhados para a glória de Deus.

seria uma afronta a moralidade pentecostal tradicional. Há de fato uma acomodação ao mundo moderno midiático na neopentecostalidade.

A leitura pentecostal é literal e oral, não há uma teologia segundo os grandes manuais e escolas de teologia, mas sim uma teologia oral e narrativa, espontânea, que passa longe da academia. É uma religião popular no sentido que Brandão (1986) estuda, que muda e se transmuta conforme o tempo. Não procura uma teologia explicativa, pois não questiona ou interpreta a vontade de Deus, simplesmente o pentecostal aceita aquilo que interpreta ser a vontade desta divindade. Vontade essa interpretada por homens que são considerados pela comunidade como santos porta-vozes de Deus. Estes pastores raramente tem sua vontade questionada. Por exemplo, segundo Mafra *et al.* (2012), quando o Bispo Edir Macedo foi preso, a sua comunidade, ao invés de questionar a prisão por crimes econômicos, transformou sua figura num mártir perseguido pelos homens e pelas forças maléficas.

Assim, se constrói e se produz a religião da espiritualidade do mercado. Os adeptos da teologia da prosperidade encaram o mercado e o luxo como bênçãos divinas. Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente uma vez que poucos têm poder de ter acesso a tudo o que se apresenta para consumo.

As mercadorias tem status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética: a da competição e concorrência no mercado, o semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro; comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter, noção ligada a sucesso, de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido pelo Ter e não pelo Ser (FROMM, 1977). Numa sociedade assim, a pessoa tem a sua dignidade reconhecida nas relações mercantis, no mercado. Os pobres são marginalizados exatamente pela sua impossibilidade de acesso ao mercado. Esses milhares que são a maioria do mundo são invisíveis e reduzidos a meros problemas políticos, seres humanos incapacitados de participar de acesso aos bens que eles mesmos produzem em um total estado de alienação, alienação do produto de seu trabalho, alienação causada pelo sistema de propaganda. Na tentativa desesperada de sobreviver e de seus filhos perde-se o amor ao próximo (SUNG, 1998).

A teologia da prosperidade, típica dos neopentecostais também influencia as relações dentro das igrejas, inclusive as tradicionais que antes abominavam esta teologia, portanto faz-se necessários breves considerações sobre a mesma. A prosperidade para Assembleia de Deus ainda é uma visão bem diferente das neopentecostais, porém cada vez mais com uma velocidade midiática os pentecostais tradicionais aceitam a teologia da prosperidade.

2 As origens da teologia da prosperidade

As origens da teologia da prosperidade estão nos EUA, por volta dos anos 30 e 40. A teologia da prosperidade começou quando, o evangelista Oral Roberts começou a pregar sobre a ideia de *Vida Abundante* e deu início à pregação da doutrina e evangelho da prosperidade, prometendo retorno financeiro sete vezes

maior que o valor ofertado. Logo suas pregações se tornaram famosas (MARIANO, 1999, p. 151). Foi Kenneth Hagin (1917-2003), que difundiu o termo Teologia da Prosperidade. Conforme Romeiro (1993, p. 15) “o ministério de Hagin tornou-se um dos maiores do mundo e sua influência tem se espalhado por várias igrejas”.

No Brasil, segundo Mariano (1999), a Teologia da Prosperidade iniciou a sua trajetória nos anos 70, penetrando em muitas igrejas e ministérios. Cada uma delas se deu de diferentes maneiras e modos, às doutrinas desse evangelho da prosperidade que se baseavam em escritos de Hagin tais como: "Não ore mais por dinheiro [...] Exija tudo o que precisar" (HAGIN, p. 17 apud Romeiro, 1993, p. 43, grifos nossos). A Teologia da Prosperidade encontrou terreno fértil no Brasil a partir os anos 70, encontrando espaço nos grupos evangélicos pentecostais. Após certo tempo os pentecostais tradicionais especialmente da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã começaram a rejeitá-lo (PIERATT, 1993 p. 81) o que ocasionou, para quem acreditava uma ampla difusão de novas igrejas e divisões que acreditavam nesse tipo de evangelho. Ao separarem dessas igrejas surgiram as chamadas igrejas neopentecostais.

O autor Silas Luis de Souza (2012), orientando de Milton Carlos Costa, pesquisador da Comissão nacional da Verdade, prova uma perspectiva assustadora. Para combater o pensamento de esquerda que surgia na igreja católica, e nas comunidades protestantes tradicionais, como, Metodistas, Presbiterianos e Anglicanos, o governo militar brasileiro apoiou a vinda de televangelistas norte-americanos para pregar no Brasil, dando-lhes franco apoio nas redes de comunicação e financiamento para pregar uma ideologia mais de acordo com o capitalismo.

Surgiram grandes convenções religiosas nos estádios de futebol por parte destes pregadores. Começaram a surgir igrejas no Brasil conforme se ia assistindo a esses congressos se separando das igrejas protestantes históricas e pentecostais tradicionais. Cada uma das igrejas que surgiam deu novos significados as doutrinas desse evangelho da prosperidade que se baseava em escritos de Hagin e na ideia de confissão positiva¹⁰ do pastor e tutor de Hagin, esse William Kenyon (ROMEIRO, 1993, p. 43, grifo nosso), ou ainda:

Muitos cristãos nascidos de novo e cheios do Espírito vivem num baixo nível de vida, vencidos pelo diabo. Na realidade, falam mais do diabo do que em qualquer outra coisa. Cada vez que contam uma desventura, exaltam o diabo. Cada vez que contam quão doentes se sentem, exaltam o diabo (ele é autor das doenças e das enfermidades - e não Deus). (HAGIN, 1988, p. 19).

A Teologia da Prosperidade encontrou terreno fértil no Brasil a partir os anos 70 (MARIANO, 1999), encontrando espaço nos grupos evangélicos pentecostais. Sobre isto comenta Pieratt:

[...] o pentecostalismo não foi o pai desse novo evangelho, embora talvez possa ser chamado de padrasto, por causa da forma como o abraçou e seguiu seus ensinamentos. Então, a primeira pergunta que se levanta é por que as denominações pentecostais têm sido mais abertas a esse ensino do que qualquer outro grupo protestante. A resposta parece estar na tendência que elas têm de aceitar dons de profecia e profetas dos dias atuais que afirmam exercer esses dons. Por causa da abertura para visões, revelações e orientações espirituais contínuas fora da Bíblia, cria-se um espaço para a entrada das afirmações do evangelho da prosperidade. (PIERATT, 1993, p. 21).

¹⁰ De acordo com o *Dictionary Of Pentecostal And Charismatic Movements* (Dicionário dos Movimentos Pentecostal e Carismático) no verbete Confissão positiva de George Knight :Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e a inspiração de William Kenyon. A expressão "confissão positiva" pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão "confissão positiva" se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão.

Após certo tempo os pentecostais tradicionais começaram a rejeitar a teologia da prosperidade como heresia (PIERATT, 1993) o que ocasionou, para quem acreditava uma ampla difusão de novas igrejas, e divisões entre os que acreditavam nesse tipo de evangelho. Surgiram daí as novas igrejas neopentecostais.

Analisando o citado enunciado de Pieratt (1993, p. 98), de que “as igrejas neopentecostais não são cristãs, pois se utilizam mais de uma interpretação desviada do antigo testamento e de uma apropriação de linguagem de outras religiões místicas”. Acredita-se que o evangelho da prosperidade não se sustenta na autoridade das Santas Escrituras, mas, na autoridade dos “profetas” da atualidade (ou dos carismas). O motivo disto é a ostentação de revelações diretas que tais homens alegam ter recebido de Deus ou de um anjo. Vejamos o que escreveu Hagin: “O próprio Senhor me ensinou sobre a prosperidade.” (in *How God Taught Me About Prosperity*, apud PIERATT, 1993, p. 32). Em *Solving the Mystery of the Miracle Money*, Robert Tilton (1987 apud PIERATT, 1993, p. 33) um dos maiores televangelistas e escritor entusiasta da teologia da prosperidade chega a afirmar que exigir dinheiro de Deus foi conselho do próprio: “As palavras deste livro não são minhas; são palavras do Espírito Santo de Deus” (idem).

Alegam ainda que a característica do cristão cheio de fé é ser: “bem sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença seriam resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente” (ROMEIRO, 1993, p. 19).

Ainda é constante nessa corrente teológica a alegação de que o diabo é culpado por todo mal que acontece às pessoas, inclusive a pobreza. Aí está o pior medo do pentecostal em geral, não se trata de ir para o inferno, mas de ficar pobre, pois isso é sinal de desagradar a Deus. Assim as pessoas são controladas pelo medo de desagradar a Deus, que supostamente os castigaria os deixando miseráveis. O Deus pregado pelo neopentecostalismo é apresentado como muito próximo da pessoa, como um ser presente, sem intermediários, presente ao alcance e cheio de características humanas e sentimentais. Assim sua visão da divindade é de um Deus que está preocupado com sua conta bancária. Seria um Deus próximo, uma espécie de banqueiro divino que dá dinheiro a todo aquele que lhe oferta dinheiro.

As neopentecostais têm suas práticas pautadas pela teologia da prosperidade (CAMPOS, 1996 p. 521), que significa uma troca simbólica de promessas supostamente divinas de que os fiéis tem, em troca de sacrifícios financeiros, o direito-dever de se tornarem ricos e prósperos¹¹. Mais que uma benção de Deus, o se tornar rico, e mais, ostentar que essa riqueza é benção de Deus, pois só assim as pessoas veriam que Deus age em suas vidas. Deste modo o fiel tem o dever de se tornar rico. É comum nas pregações a exortação a abrir o seu próprio negócio, no propósito de se tornar empresário, mas é preciso considerar que essa iniciativa ao empreendedorismo produz alteração na realidade econômica de indivíduos e suas famílias, assim como, em comunidades menos favorecidas, aquece relações comerciais. Apesar dessa benesse do sistema capitalista une a religião a uma espécie de mercancia.

¹¹ Uma análise aprofundada de seu discurso revela em sub tom, de que as pessoas que forem fieis em dízimos e ofertas tem não só o direito, mas o dever de serem prósperas (entenda-se ricas) e que em caso contrário deve existir algum pecado ou demônio atrapalhando a prosperidade dessa pessoa.

3 Como funciona a dinâmica da teologia da prosperidade

Após estar inserido em uma metodologia de participação observante em mais de três anos frequentando cultos e analisando material midiático, bem como estar numa pesquisa de doutorado, a autoria do presente trabalho tem a contribuir na explicação do porque a teologia da prosperidade cresce. A resposta é simples e surpreendente: a teologia da prosperidade cresce porque funciona. Sustenta-se adiante a argumentação.

A teologia da prosperidade funciona sim. Não devido aos motivos que creem os fiéis, ou seja, não é por intervenção divina e sim devido às redes sociais que se formam dentro das comunidades em certa relação que se tem com outros fiéis de outras igrejas e com a sociedade em geral.

As forças mercadológicas disfarça sua finalidade (o lucro) a despeito a certos direitos humanos, porém alcançar a plenitude desses direitos se torna impossível visto a finalidade do mercado não é a de alcançar esses direitos (meio ambiente ecologicamente equilibrado, justiça, saúde, educação pleno emprego etc..) e sim o lucro. Desse modo a finalidade do homem (e não só da empresa) também passar a ser o lucro¹². Mesmo na religião, na ótica neopentecostal, o objetivo não seria a religação com o divino, mas o lucro. A finalidade religiosa cristã que seria a salvação, passa a ser a prosperidade. Aliás, apesar de serem diferentes dos Calvinistas, o sucesso financeiro é considerado a marca da benção divina. Enquanto para os calvinistas, o acúmulo era a marca de salvação, para o neopentecostal é a ostentação das riquezas.

A liberdade humana nessa relação fica ilusória e prejudicada, uma vez que o homem só tem liberdade para consumir. Hinkelammert (2008) diz da liberdade de escolher entre uma sociedade de plena convivência e uma sociedade Hobbesiana, mas não há como agir sobre tais suposta liberdades frente à força poderosa do capital. Não se existe liberdade para se escolher entre igualdade e fraternidade, pois isso implicaria em abrir mão da propriedade privada e do lucro o que aparentemente ninguém quer escolher.

Historicamente as igrejas pentecostais tradicionais, buscavam uma igualdade e uma fraternidade em meio a sua comunidade religiosa. Assim surge um paraíso na terra - a igreja, mais do que a igreja - a irmandade, que lhes vem em socorro em meios das agruras urbanas. O povo pobre que era o grosso de suas massas tem na igreja um alívio e redes de solidariedade. É no seio da irmandade que vão ser consolados quando perdem seus filhos para o mundo que oferece tantas tentações, descaminhos e confortos em seu entorno. É a irmandade e as mensagens que oferecem consolo quando pela miséria um filho é encaminhado para o banditismo ou para as drogas; com acesso apenas a sistemas precários de saúde (no capitalismo só há saúde de qualidade para ricos), os cultos oferecem uma possibilidade de cura ou consolo ante a morte inevitável, é nos cultos que milhares de desempregados têm promessa de emprego ou onde são acolhidos alimentos (CORTEN, 1996). São vítimas do capital, mas vivem nele e percebem ao menos que há alguma coisa errada no mundo, é um mundo ao seu entorno que não se enquadra nas suas crenças.

Embora continuem a abrigar, sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários e um número cada vez mais crescente de

¹² Impossível não lembrar do epíteto de Hobbes, como nessa lógica pessoal vai surgir o homem: a resposta é apenas como lobo do homem, como concorrente de seu semelhante.

graduados e pós-graduados além de “homens de negócio” (MARIANO, 1999, p. 29). Estes logo se tornam exemplos de homens abençoados.

Um lado positivo que existe nessas igrejas, todos, não importa sua cor, ou classe social são acolhidos, até mesmo os de gênero diverso da moral cristã tradicional, desde que após certo tempo, sejam pressionados a mudar seu comportamento sexual. Aceitam pobres, drogados, prostitutas, presidiários e todos excluídos pela sociedade.

Carentes de aceitação logo aceitam as regras da igreja e mudam muitas vezes seu comportamento. A experiência espiritual é inexplicável do ponto de vista científico puro, ou seja, não dá para o sujeito que sofreu a experiência explicar com clareza, passa a explicar que foi intervenção divina, que mudou sua vida e passa ao processo de conversão. Mas a partir dessa experiência sua vida muda. Há diversos relatos de pessoas que mudam radicalmente de vida após a experiência de serem aceitos, os exemplos de relatos são inúmeros: prostitutas que depois de convertidas viram moralistas conservadoras, bandidos que abandonam o crime. A experiência chega a ser superior a dependência neuroquímica, diversos relatos de pessoas que pararam de usar drogas, bebidas e cigarro após serem “batizadas” com o Espírito Santo, talvez porque seja outra experiência neuroquímica. A linguagem vai denunciar, vão logo surgir termos como “Deus abençoe”, “Paz do Senhor”, um versículo, uma explicação sobrenatural para algo como vontade ou permissão de Deus.

A linguagem do fiel vai passar a referenciar o mundo, os males serão atribuídos ou a permissão de Deus, em uma suposta prova que passaria com a finalidade de alcançar as bênçãos ou vai ser culpa do diabo. E tudo que acontece de benção vai ser atribuído a Deus. Se receber um aumento de salário, uma promoção, uma melhora de doença, casamento, nascimento de filhos tudo vai ser atribuído a obra do divino. Sua vida vai ser pautada segundo essa crença. Já o que acontece de ruim vai ser atribuído ao diabo.

No caso em estudo, a memória e identidade pentecostal, a linguagem tem grande importância. A pessoa passa a se identificar por uma série de linguagens próprias que se expressam tanto no vocabulário como, com mais impacto, no próprio modo de vida do fiel. Ao assumir os modos do grupo, seus costumes, práticas e que chega até a mudança de pensamento e autonegação de si, ou melhor, do seu passado, o novo convertido assume consigo uma identidade diferente no que se refere a sua conversão. Tal fenômeno não aparece só na religião, mas sim em todo grupo que há um interesse ou necessidade de justificar os seus atos presentes ou seus costumes ou crenças (FERRARI, 2007).

Essa aceitação tem um efeito prático sobre a crença da comunidade: aceitação de emprego. Muitas vezes o fiel chega na igreja é um drogado, um pobre com pouca qualificação. Enquanto para todos esses excluídos é extremamente difícil se colocar no mercado formal de trabalho, entre os irmãos vai ser mais fácil. Seja devido ao fiel ser dono de um negócio ou por indicação de uma vaga, em algum lugar que o co-fiel já trabalhe, logo entre os laços de irmandade que se formam logo aquele excluído vai arrumar um local de trabalho. Assim não é exatamente pela intervenção divina, que a comunidade atribui este emprego, mas sim pelas redes que se formam.

Outra prática constante nessas igrejas é a rede de network em negócios. Os irmãos preferem negociar entre eles. Se um irmão tem um negócio e precisa de um fornecedor, e esse fornecedor é um irmão, logo vai

haver uma relação de fidelização intercomercial. Por exemplo, se um irmão tem uma lanchonete e outro uma padaria, o primeiro vai comprar os pães da padaria fraterna. Os fregueses da lanchonete vão ser indicados para comprar pães na padaria e vice-versa. Logo haverá um acréscimo dos negócios para ambas as partes. Mesmo que o irmão tenha uma barraquinha de lanches, uma venda de roupa porta-a-porta, seja pedreiro, ou outro prestador de serviço, logo vai ser considerado empresário dentro da igreja e vai ter um aumento de sua clientela. Logo a barraquinha se transformará em uma lanchonete, a vendedora terá sua lojinha e o prestador de serviço terá acumulado uma bela carta de clientes.

Um fato interessante é que em todas as igrejas neopentecostais, geralmente nas segundas feiras, há um culto voltado para a área de negócios. Há vários nomes: é chamado culto dos empresários (IURD), Culto da Prosperidade (IIGD), culto da vitória (IMPD) entre outros nomes que remetem a ideia de prosperidade. Nesses cultos pouco é pregado sobre teologia e sim sobre vitória financeira e sobre uma coisa interessante: dicas de administração, economia e controle financeiro, uma educação que geralmente a população não tem acesso. Os pastores são estimulados a fazerem universidades a distância, sobretudo na área de economia, administração ou contábeis. É comum no testemunho do pastor ele falar que fez universidade. Universidades grandes que oferecem curso EaD, já tem convênio com várias dessas igrejas. A IURD, por exemplo, tem convenio com a UNIP¹³, Universidade Paulista. Assim nesses cultos o fiel é instado a abrir seu negócio e vai ter informação de como cuidar dele, além de lições de talentos, desenvolvimento de potenciais e negócios no melhor da literatura de empreendedorismo.

Na IURD o culto está assim estabelecido em seu site:

As reuniões realizadas às segundas-feiras na Igreja Universal do Reino de Deus são para pessoas que sejam empresárias, que estejam passando por problemas financeiros e não aceitam mais viver nesta situação, bem como para quem busca crescimento financeiro. Durante as reuniões, as pessoas desenvolvem potenciais, descobrem seus talentos, traçam objetivos e planejam cada detalhe para a realização de suas metas. 'Eu vim aqui para que tenham vida e a tenham em abundância'. João 10:10. (REDE ALELUIA, 2013)

Munido desse arsenal psicológico e educacional é claro que em tudo a pessoa vai se sentir estimulada a se dedicar a cuidar e, conseqüentemente, melhorar o seu negócio. A pesquisadora Diana Lima descreve sua visita a um desses cultos:

De fato, ao longo das duas horas de duração desses cultos, a prédica do bispo (ou do pastor) é explicitamente dedicada ao tema do dinheiro. Nessas ocasiões, não se fala apenas do dinheiro a ser doado à Igreja pelos fiéis, mas também do dinheiro que se pode conquistar através da fé, como aconteceu com aqueles fiéis que sobem ao altar e dão seu "testemunho". Para tratar desse assunto, são empregados termos e conteúdos extraídos do campo semântico da economia, tais como "empresa", "negócio", "lucro", "contrato", "aumento da produção", "máquinas", "diferencial do produto no mercado", "desemprego", além da menção a grandes quantias que "você vai ganhar" (LIMA, 2016, p. 135).

O trabalho do fiel pentecostal também é pleno de um modo peculiar. É comum nas pregações, cheios de excertos bíblicos, que o fiel deve se dedicar ao trabalho de corpo e alma, característica sempre protestante já apontada por Weber (2004). Os pentecostais devem ser conhecidos como os empregados que sempre dão o seu melhor no trabalho. Segundo afirmam nos cultos, a escritura diz em Tito 2:9-10 "Exorta os servos a que

¹³ Conveniados, disponível em: http://www.unip.br/ead/conveniados/relacao_empresas.

sejam submissos a seus senhores em tudo, sendo-lhes agradáveis, não os contradizendo nem defraudando, antes mostrando perfeita lealdade, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador." Assim não questionar e se dedicar ao trabalho assume boa importância. Afinal a Bíblia diz em Colossenses 3:23 "E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens". Assim o empregado pentecostal vai ser um bom empregado, vai se dedicar a empresa, não entrará em greve, será obediente em uma alienação já estudada por Rolim (1985). Um empregado fiel assim é difícil perder o emprego, e mais, na ótica capitalista esse funcionário vai ser o ideal para ser promovido, logo assumirá um cargo de supervisão e gerencia quando empregado. Agindo assim, de acordo com pensamento patronal, quando promovido será atribuído a intervenção divina. Este modo de ser manso e desprovido de consciência de exploração é multiplicado nos testemunhos entre fiéis.

Um aspecto muito presente na vida comunitária pentecostal, em vigílias, jejuns ou cultos, é o chamamento de pessoas para o testemunho. Isto é: "o testemunho sobre a ação de Deus em suas vidas" (CAMPOS JR, 1995, p. 69). O crente é convidado ou vai espontânea e livremente falar sobre como Deus teria o abençoado no trabalho, na família; como Deus o teria curado de uma doença; da proteção de Deus num momento difícil, etc. A cada culto, o pastor ministrante dá oportunidade para que cerca de cinco pessoas revelem em público suas vitórias: como puderam ser curadas, como encontraram um emprego, receberam herança, ou conseguiram comprar uma casa. O testemunho é sempre sobre algo bom, compreendido como graça divina. Os melhores testemunhos, muitas vezes com ar de ensaio vão para a máquina midiática neopentecostal.

Outra constante nessas igrejas é a questão do dízimo, das ofertas, entre outras formas de doar dinheiro. Todos os cultos nessa igreja as pessoas são pressionadas a doar o máximo que puder em quantias em dinheiro. As pessoas são pressionadas a contribuir com várias técnicas de pressão comunitária durante o culto. É o que se chama de mercantilização da fé. Há a profunda crença de que Deus traz benefícios financeiros em troca de ofertas e dízimos. E que quanto mais a pessoa doar maior vai ser a benção de Deus na vida dela. Supostamente Deus fez promessas ao seu povo que estão espalhadas pelo texto bíblico, e várias delas se referem a contribuições. O mais conhecido excerto bíblico está em Malaquias 3:8-10¹⁴. Nessa pericope¹⁵ está, segundo a interpretação neopentecostal, Deus falando uma mensagem e uma ordem de "trazei todos os dízimos a casa do tesouro" e que Deus estaria descontente com aqueles que não dão dízimos e ofertas, pois estariam roubando a Deus. Aliado a isso o medo de Deus e o medo de ser pobre, pois segundo a teologia da prosperidade a pobreza é uma maldição.

O mais icônico dos líderes da teologia da prosperidade Edir Macedo, já tendo sido preso por estelionato, afirma em seu livro os supostos benefícios do dízimo:

¹⁴ Malaquias 3:8-10 - Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.

¹⁵ Versículo ou parte de texto bíblico.

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do ser humano e atuam nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer....As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus. (MACEDO, 2005. p. 68)

Assim se crê no poder do dízimo e oferta. É comum também o mercado de bens religiosos já bens estudados por Leonildo S. Campos (1996b) há inúmeras vendas de produtos sagrados que garantem uma suposta benção: Rosas unguadas, Rituais de fogueira santa, Vassouras abençoadas, sabonetes unguados etc... criando um mercado que em nada se parece com a tradição dos protestantes históricos.

Ocorre que quando o fiel paga o dízimo e ofertas ele tem que fazer algo em que o brasileiro é pouco educado: controle de gastos. Já que ele não pode contar com 100% do seu salário, pois acredita que parte pertence a Deus, tem que controlar os seus gastos. Mas contabilidade, ainda que rudimentar, e aprendida no culto dos empresários, além de planejamento financeiro também aprendido, é uma das condições fundamentais para o que Weber (2004) chama de formação do espírito do capitalista. Assim esse planejamento faz com que o rendimento mensal seja planejado e melhor aplicado resultando em certo crescimento financeiro.

Considerações finais

Essa exploração fabricada é aceita pelos fiéis, pois em uma sociedade pós-moderna tudo que importa e tudo os que a pessoas buscam é o dinheiro (COSTA, 2016). Além disso, como o medo e culpas andam juntos, os pobres são considerados como pecadores ou de não ter fé. Assim ninguém quer ser percebido na comunidade como sendo pecador ou tendo falta de fé. Nessa perspectiva, milhões de explorados continuam a serem vitimados sem esboçar reação. Aliado a isso, existe uma perene falta de pensamento crítico advindo da educação brasileira.

Outro fator impactante são os vários testemunhos, pagos ou não, que aparecem nos cultos e na estrutura midiática, tal como jornais, programas de televisão, rádios sites etc... Esses testemunhos referem-se a milhares de pessoas afirmando que foram “abençoadas financeiramente”, isto é: eram pobres e hoje estão ricas. É um discurso que qualquer pobre deseja ouvir, assim a máquina midiática também convence. Se um membro da igreja enriquecer, isto é, exponencialmente aumentado pelo grande investimento em propaganda dessas igrejas, por exemplo, se um membro testemunha que comprou um carro, ainda que seja popular e financiado, o testemunho vai ser dado como se fosse um carro de luxo e a vista, no testemunho há sempre o exagero, isto faz parte da dinâmica do testemunho. Assim as pessoas acreditam, e cada vez mais entram na estrutura religiosa, sem questionar o porquê muitos não enriquecem.

É claro que funciona a teologia da prosperidade. A existência de um *network* de negócios: com uma clientela fixa de irmãos; com ensino de administração e empreendedorismo; com controle de gastos e contabilidade; com uma propaganda que convence; com um discurso que o fiel quer ouvir e tem agência para isso; sendo promovido ou mantido no emprego; é obvio que em alguns anos haverá vários membros que de fato melhoraram sua situação financeira, exagerada pelos testemunhos como se fossem empresários (embora existam de fato alguns). Sua vida vai melhorar e ele vai atribuir isso a mediação da igreja como obra divina,

logo vai falar “foi Deus que me abençoou”, quando na verdade foram as relações sociais ocorridas dentro da comunidade que fizeram com que melhorasse de vida. Como essa melhora vai ser alardeada como intervenção divina por uma grande máquina midiática, haverá uma grande crença de que o divino abençoe a vida dos fiéis. Assim a teologia da prosperidade funciona, não segundo aquilo que creem os fiéis, mas sim devido as relações socioeconômicas dentro de uma irmandade que tem como foco não Deus, mas o lucro.

Será que essa exploração não terá fim? É claro que do mesmo modo que vários melhoram de vida, um sem número continua pobre como antes, mas mesmo esses acreditam que uma hora serão abençoados. É certo que com acesso aos meios de educação de qualidade o povo brasileiro, assim como os neopentecostais, pode vir a mudar radicalmente de ideia sobre sua situação, desenvolver um pensamento crítico e que quiçá, possam deixar de ser influenciados por uma estrutura de exploração que cresce a cada dia.

Referências

ALTIVO, Bárbara Regina. Dever e prazer no “casamento-empresa”: transações singulares de controle do amor segundo a Igreja Universal, **Anais** do 24º encontro da COMPOS- Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação –COMPOS, 2015. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigocomp%C3%B3s2015comnome_2793.pdf. Acesso em: 03 jan. 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a Religião popular. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BÍBLIA português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CABRAL, Pina; LOURENÇO, Nelson. **Em terra de tufões**: dinâmicas da etnicidade macaense. Macau: Instituto Cultural de Macau. 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina**: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996a.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus. Ed. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1996b.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115, set./nov., 2005.

CAMPOS JR, Luis de Castro. **Pentecostalismo**: sentido da palavra divina. São Paulo, SP: Editora Ática. 1999.

CORTEN, A. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **O dinheiro: o novo deus da humanidade**: Uma análise da cultura do consumismo selvagem e de como ele se tornou a nova religião da humanidade. Lisboa: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo, Petrópolis: Vozes, 1993.

GORENDER, Jacob. **Marxismo sem utopias**. São Paulo, SP: Ática, 1999.

GOSPELPRIME - Jornal de Notícias Evangélicas, **Sex Shop Gospel é criado para apimentar a relação de casais evangélicos**, edição de 27 de junho de 2010. Disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/sex-shop-gospel-evangelico-pode-ir-sexy.html>. Acesso em: 12 dez. 2015.

FERRARI, O. A. **A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder**. São Paulo, SP: Ave-Maria, 2007.

FROMM, E. A importância da diferença entre ter e ser. In: _____. **Ter ou Ser?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HINKELAMMERT, Franz J. **Hacia una crítica de la razón mítica: el labirinto de la modernidade**. México: Editorial Driada, 2008.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Relig. soc.**, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2016.

KNIGHT, George R. Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements [review]. **Andrews University Seminary Studies (AUSS)**, v. 27, n. 1, 1989.

MACEDO, Edir. **Nos passos de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2005.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia and SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **Rev. bras. Ci. Soc.** [online], v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.

MATOS, Aldari Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, ano 11, n. 2, p. 23-50, 2006.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, SP: Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados de religião**, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações - comunicação, cultura e hegemonia** - Trad. Ronald Polito; Sergio Alcides. Rio: Editora UFRJ, 1997.

PIERATT, Alan B. **O evangelho da prosperidade: análise e resposta**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes. O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SILVA JÚNIOR, Nilson da. Uma análise do Neopentecostalismo a partir da ética protestante e o espírito do capitalismo. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano VIII, n. 40, Out./Dez., 2012.

SOUZA, Silas Luiz de. **O respeito à lei e à ordem: presbiterianos e o governo militar 1964 – 1985**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 290 p., 2013.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, mercado e religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PRANDI, C.; GIOVANNI Filoramo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicato de Mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, Assis, 374 p., 2006.

REDE ALELUIA. **3 atitudes para você fazer a diferença, site da rede aleluia**. 2013. Disponível em: <http://www.redealeluia.com.br/3-atitudes-para-voce-fazer-a-diferenca/>. Acesso em: 22 dez. 2016.

ROLIM, F.C. **Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

